

Os autores abordam o tema do conflito na bíblia, mostrando a relação entre ética religiosa e idolatria. lahweh aparece como o Deus da liberdade, em oposição a toda forma de idolatria que gera escravidão. O conflito lahweh-idolatria é chave de leitura para a compreensão das situações de injustiça em que vivem as sociedades do nosso tempo.

Ética religiosa e idolatria¹

**“Filhinhos, guardai-vos
dos ídolos!” (1Jo 5, 21)**

*Celso Carlos Puttkammer dos Santos
e Valdemir Maia da Silva**

¹ Este trabalho foi apresentado em 2002, na Disciplina de Moral da Religião.

* Os Autores são alunos do Curso de Graduação, no ITESC



Introdução

Adotado como eixo de leitura da Bíblia, o conflito possibilita uma abordagem abrangente. Desta forma, toma-se como básico o conflito entre Iahweh, o Deus vivo, e os ídolos, os deuses mortos. Esta é uma polêmica teológica bastante concreta e pertinente. Ao levar em conta que Iahweh é o único Deus que cria liberdade e vida para todos, e que os ídolos são “deuses” que criam escravidão e morte para todos, logo perceberemos a importância prática que tem esse conflito e as consequências – sérias e até mesmo trágicas – para todos os setores e situações da vida. Trata-se, portanto, de liberdade ou escravidão, de vida ou morte. E essas realidades são fundamentais.

Milton Schwantes detecta este conflito a partir da relação: campo x cidade. Da terra, do campo, nasce a vida para sustentar a vida do camponês. Iahweh, o Deus Vivo e Senhor da vida, vem do campo e é o Deus dos camponeses. Já a cidade nasceu dos pontos de encontro dos comerciantes, para o atravessamento e a troca dos produtos do campo. Pouco a pouco, graças ao lucro do comércio, a cidade foi-se construindo e aparelhando, produzindo tecnologia e acumulando a riqueza, o poder e a ideologia que cimenta todas as relações sociais, políticas e econômicas. Mas a cidade não produz os bens da vida. Ela vive da exploração e dominação do campo, fornecendo, em troca, a idolatria.

Por trás do conflito Iahweh x ídolos, podemos vislumbrar o conflito campo x cidade. Este, por sua vez, abre um leque de conflitos econômicos (desigualdade na partilha e na distribuição dos bens da vida), de conflitos políticos (desigualdade de participação nas decisões que constroem a sociedade e projetam os rumos da história), de conflitos sociais (divisão em classes e crescente marginalização do povo) e de conflitos ideológicos (que são verdadeiras “lutas religiosas”). A idolatria necessita de uma legitimação ética para que possa ser concretizada. É nesta perspectiva que se norteará esta reflexão.

Falar sobre a idolatria é falar de coisas atualíssimas. Em primeiro lugar, é necessário aprofundar as raízes da idolatria na Bíblia. Em seguida pretende-se definir quais são as idolatrias atuais: da Riqueza, do Poder e do Prazer. Por fim, formulam-se algumas considerações ético-religiosas.



1 Aspectos bíblicos e históricos: a idolatria é fonte da injustiça

A idolatria conceitua-se como “o ato de prestar a uma criatura o culto devido somente a Deus; adoração de ídolos” (SCHLESINGER & PORTO, 1995: 1316). Israel, em sua longa tradição, está convicto de que cada povo adora o seu Deus (Jz 11, 24). Portanto, Israel deve adorar Iahweh. “A idolatria consiste então em adorar um deus que não é o do povo” (MONLOUBOU & DU BUIT, 1997: 367). “Todo ato de adoração que se dirija a outra divindade é idolátrico (Ex 20, 2-3). A regra tem como fundamento o tema do ‘deus ciumento’, que não admite rival (Ex 20, 5)” (MONLOUBOU & DU BUIT, 1997: 367). Em todas as fases de sua história, porém, o povo de Israel praticou a idolatria. Mesmo sabendo, pois, que os textos da Bíblia tendem a ignorar tais fatos, pode-se pensar que a idolatria era bem mais difundida do que está registrado.

Na América Latina, assim como em toda sociedade moderna e capitalista, o grande problema não está no ateísmo. Encontra-se, sim, na idolatria. “A teologia numa sociedade capitalista só adquire relevância se se defrontar com a idolatria vivida no capitalismo. Esta idolatria não só deve ser alvo de evangelização, mas também uma condição para a crítica política” (MO SUNG, 1995: 234-235). Contudo, não é a simples absolutização de um objeto ou pessoa apenas. Ela se projeta para uma absolutização do sistema de dominação. Aí então, percebe-se que o ídolo exige sacrifícios de vidas humanas, exige sangue dos pobres e dos excluídos do sistema. Todos os ídolos são deuses de opressão. E são, também, frutos das mãos humanas.

Foram principalmente os profetas que, com seu discurso teológico, denunciaram a ruptura da *berît* (aliança) Iahweh-Israel (cf. SILVA, 1998: 30). Tal ruptura se dá, segundo SILVA (1998: 30-36), em três níveis da realidade:

- A *idolatria religiosa* consiste na substituição de Iahweh por Baal, deus cananeu da natureza. Esta foi uma das formas mais dominantes de desagregação dos valores do javismo.

Esta forma se manifesta, principalmente, no momento cultural. Iahweh é o Deus dos oprimidos que se organizam, mas, por outro lado, Baal é o deus dos reis que oprimem. Observa-se isto, principalmente, no episódio da vinha de Nabot, em 1Rs 21. Neste caso, será o profeta Elias o porta-voz de Iahweh.



Nas práticas rituais de fertilidade se cultuavam Baal e outros deuses ligados à natureza e esses rituais tiveram forte difusão entre os israelitas. Tais cultos têm sua origem na agricultura, com a presença da figura da mulher, associada à sua fertilidade. Passa-se a celebrar seus cultos com rituais sexuais e ao ritmo cíclico da vegetação.

Para controlar os camponeses na monarquia, os donos do poder, reis e funcionários, passaram a utilizar estes cultos da fertilidade, para que se produzisse mais. Com isso, o Estado passava a arrecadar mais tributos. Este processo sutil e poderoso passa às mãos de uma minoria o produto do trabalho coletivo. As mercadorias são divinizadas e oferecidas aos camponeses como seu senhor. Assim, os objetos, criados por mãos humanas – por quem trabalha e produz – tornam-se ídolos, “sujeitos de quem os produziu”. Os profetas denunciam sistematicamente a idolatria religiosa (cf. Os 4, 12-13) e as práticas idolátricas (cf. Is 2, 6-8).

- A *idolatria política* – substituição de Iahweh pelo Poder – assumiu várias formas ao longo da história da monarquia. Assim, a difusão de práticas idolátricas culturais por conveniências políticas; a divinização do rei ou do Estado; o culto à própria sabedoria política; o culto ao poderio militar; o culto aos grandes impérios, com os quais Israel fez alianças políticas.

Após a divisão dos reinos (931 a.C.), Israel era uma nação pequena entre grandes potências. Assim, sempre esteve tentado a praticar uma política de aliança com os grandes impérios, sofrendo, quase sempre, uma desastrosa dependência estrangeira. O povo era penalizado com a tributação estrangeira e os governos, muitas vezes, sustentavam-se no poder sem legitimidade. Frequentemente, o profeta Oséias aborda o problema da idolatria política (cf. Os 7, 8-9.11; 12, 2). Também Isaías denuncia as alianças estrangeiras (Is 30, 1-2; 31, 1).

- A *idolatria econômica* é a substituição de Iahweh pela Riqueza. Suas manifestações mais frequentes são: o dinheiro, a ganância, o suborno e as seguranças provenientes da riqueza.

Os profetas condenam violentamente o enriquecimento obtido com a exploração alheia, a concentração das riquezas nas mãos de poucos e o conseqüente empobrecimento da maioria da população, a administração fraudulenta da justiça e a impunidade dos que tudo podiam comprar. No século VIII a.C., Amós, Isaías e Miquéias condenam a idolatria econômica (cf. Am 8, 4-6; Is 5, 8; Mq 2, 1-2).



Porém, SICRE (1996: 340) afirma que, “ao estudar-se o tema em profundidade, analisando os dados bíblicos, se trabalha com um conceito bíblico bastante restrito, estudando-o a partir desta dupla perspectiva: o uso das imagens no culto javista e o culto aos deuses pagãos”. Continua dizendo que, “desta forma, a idolatria parece ter-se transformado em uma peça de museu, sem interesse vital nem atualidade”. Mas levanta dois aspectos fundamentais que tornam a idolatria um tema atual: os ídolos são “os rivais de Deus (proibidos pelo primeiro mandamento) e [levam] à manipulação do Senhor (condenada pelo segundo)”. Prossegue: “assim é que a idolatria foi vista pelos profetas, por Jesus, por Paulo, que aplicaram realidades novas, atuais para a sua época, às exigências destes dois preceitos”.

Com sua voz profética, os Bispos da América Latina denunciam, em PUEBLA (1979), que “o homem, desde o início rejeitou o amor de seu Deus” e que “em vez de adorar ao Deus verdadeiro, adorou os ídolos, obras de suas mãos, realidades deste mundo; adorou-se a si próprio.” Daí a consequência: “Penetraram no mundo o mal, a morte e a violência, o ódio e o medo. Estava destruída a convivência fraterna.” Assim, “irromperam todas as escravidões. A América Latina faz-nos experimentar amargamente, até os extremos limites, esta força do pecado que é a flagrante contradição do plano de Deus.” (Puebla, n. 186). Na América Latina, portanto, essas escravidões são pecados, são formas de idolatria. Aqui não se serve ao Deus que proclamamos na fé, serve-se ao Poder, à Riqueza, ao Prazer.

A idolatria é a fonte de todas as iniquidades, pois faz o homem negar o amor ao próximo como a si mesmo. Além disso, “confere à carne a primazia que compete ao espírito e confere ao homem o fim absoluto que pertence a Deus. O reino da carne é o reino do egoísmo, da divisão e dos conflitos entre os homens, da exploração do homem pelo homem” (BIGO & ÁVILA, 1982: 102).

2 A idolatria Econômica e Política: o mercado que domina e explora

O capitalismo está fundado numa lógica mítico-religiosa perversa. Seus defensores acreditam firmemente que o sistema de mercado capitalista é a encarnação do Reino na história. O mercado oferece a possibilidade de maximizar os lucros nas relações de concorrência comercial (individualismo) e, ao mesmo tempo, a ‘partilha’, a ‘solidariedade’. Esta



mágica acontece através da “mão invisível do mercado”. É preciso acreditar nisso, dizem. Inicia-se, segundo a tradição bíblica, a **idolatria do mercado**. (MO SUNG, 1987)

“Quando o homem absolutiza algo que não é Deus, interpõe uma barreira entre Deus e ele, e perde sua liberdade”. Desta forma, “vive em ‘alienação’, adorando o produto de suas mãos, de seu pensamento, de sua sensualidade” (BIGO & ÁVILA, 1992: 100). A América Latina está submetida à adoração dos ídolos, como lembra PUEBLA (n. 494): “Os contrastes cruéis de luxo e extrema pobreza, tão visíveis em todo o Continente, agravados, ademais, pela corrupção que muitas vezes invade a vida pública e profissional, manifestam até que ponto os nossos países se encontram sob o domínio do ídolo da Riqueza”.

A idolatria da Riqueza

“se revela em formas concretas pelas quais vêm se realizando os processos de industrialização, de urbanização, de depredação dos recursos naturais, da contaminação ambiental. Ela se institucionaliza em formas concretas de injustiça, dentro de inspirações ideológicas e materialistas, marcadas pelo coletivismo ou pelo individualismo.” (BIGO & ÁVILA, 1982: 100).

O ídolo da Riqueza perverte a criação. Os bens e as riquezas foram criados por Deus para servir a toda a humanidade. Por isso, todos têm o direito de usá-los solidariamente em benefício de todos e de cada um, em vista da realização humana. Todos os demais direitos estão submetidos a este, que é primordial. (cf. PUEBLA, n. 492) A propriedade deve ser concedida, portanto, como o direito de administrar os bens criados para o benefício de todos. O contrário disto, o domínio absoluto e ilimitado, torna-se instrumento de privilégios e de dominação. A pessoa humana é escravizada pela economia, pervertendo o projeto de Deus.

Também, “o pecado corrompe o uso que os homens fazem do poder, levando-os ao abuso dos direitos dos outros, às vezes em formas mais ou menos absolutas. (...) Diviniza-se o poder político, quando na prática ele é tido como absoluto. Por isso, o uso totalitário do poder é uma forma de idolatria.” (PUEBLA, n. 500).

A idolatria do Poder também perverte o plano de Deus, pela qual a autoridade que procede dEle deve ser exercida através das exigências da obrigação moral (cf. PUEBLA, n. 499). O poder não é usado de forma racional, mas é absolutizado e, muitas vezes, de forma autoritária,



revelando sua iniquidade e a rejeição das tradições cristãs do povo e das culturas.

O pecado se encarna de formas concretas na história, visíveis na acumulação de capital, nas relações de poder autoritárias e dominadoras. No confronto com o projeto de Deus, percebe-se concretamente a triste realidade humana. Esta realidade está marcada pela falta de fraternidade, pela injustiça e pelo amor à Riqueza e ao Poder. Adorar a estes ídolos, além de ser um mal para quem o comete, é o anti-Reino, que prejudica a toda a humanidade. É neste sentido que os cristãos têm a responsabilidade de transformar as estruturas sociais, as relações das pessoas entre si e com a natureza, além de se empenharem em sua própria conversão.

3 A idolatria do Prazer: o mercado que “cria” necessidades

A hegemonia neoliberal no mundo consolidou o mercado como o fundamento e o centro de nossas sociedades. E a busca da Riqueza passou a ser o objetivo na vida da maioria das pessoas, particularmente as integradas no mercado. A mercadoria tornou-se “o” objeto de desejo. A acumulação de riquezas, de mercadorias, torna-se o único meio de satisfazer os desejos. Este é o segredo do dinamismo do sistema capitalista. Não está centrado no desejo de lucro dos empresários, mas fundamentalmente no desejo dos consumidores. O lucro é uma consequência da eficiência na satisfação dos desejos dos consumidores. (cf. MO SUNG, 1987: 10ss)

“O prazer é eminentemente humano e inerente à própria vida” (MOSER & LEERS, 1987: 243). Ao se falar nele temos uma variedade imensa de abrangências. Sua força libertadora reside na capacidade de superação de todas as vicissitudes. Os momentos de alegria e de prazer nos sustentam, enquanto não se alcança a felicidade plena. O cristianismo, porém, sempre foi “dominado” pela tendência estóico-ascética, que buscava eliminar qualquer tipo de prazer. Para isso, desenvolveu meios para dominar os impulsos do corpo. Até hoje, com facilidade, tende-se a negar a corporeidade e tudo que está relacionada a ela. A felicidade da maioria do povo está longe de ser conquistada. São muitos os mecanismos – econômicos, políticos, ideológicos e até mesmo religiosos – que impossibilitam o povo alcançar condições mínimas de sobrevivência e, menos ainda, de poder ser feliz.



O Brasil tem uma das piores distribuições de renda no mundo. Esta é uma reivindicação presente nos discursos sociais das Igrejas cristãs. O crescimento econômico no modelo capitalista é voltado para a acumulação de riqueza e não para a superação da pobreza. Os excluídos não se beneficiam deste crescimento, baseado na lógica do mercado. Também a solução dos problemas graves sociais só poderá acontecer com uma distribuição equitativa da renda e com a reforma agrária. Todos estão de acordo que há urgência na distribuição da renda e da riqueza, porém com diferentes meios. Então, toda e qualquer política econômica que empobreça ou miserabilize mais as pessoas é inaceitável.

O critério para a necessidade está justamente no “ter demais” ou “ter de menos”. Há um limite necessário para que se tenha uma vida digna. Da necessidade ao desejo existe uma diferenciação. Enquanto a primeira refere-se ao necessário para viver e diz respeito à corporeidade, o segundo diz respeito ao ‘rebaixamento’ ou à ‘elevação’ das condições de vida e está na idealização (sonho). As teorias capitalistas estão pensadas em termos de desejos dos consumidores, desejos apresentados como necessidades. Aí está a confusão e então fica difícil de se estabelecer os limites e fica difícil discutir a distribuição de renda.

Todas as pessoas têm necessidades a serem supridas. Uma vida equilibrada ajuda as pessoas a crescerem e viverem bem. Porém, a atualidade demonstra que a busca desse equilíbrio não é tão fácil. O mercado começa a produzir novas necessidades sempre e a todo o momento, para que se aumente o consumo. “A indústria liberal de bens e consumo de lazer, apresentados por uma propaganda persuasiva e persistente, desfigurou as precisões básicas do ser humano, a tal ponto que muitos se perdem no imediatismo do consumo, mais preocupados em ‘ter mais’ prazer, do que ‘ser mais’ gente.” (MOSER & LEERS, 1987: 244). Tudo isso acentua a valorização excessiva do prazer, que está ao alcance apenas de uma ínfima parcela da sociedade, e deixa milhões à margem, sem o mínimo para a satisfação existencial. Convive-se com “um largo mar de necessidades insatisfeitas em redor de uma pequena ilha de consumo exagerado e descontrolado” (MOSER & LEERS, 1987: 244).

Atualmente pode-se justificar o que ocorre com a sexualidade, interpretando-o como reação à repressão e inibição, ou à exploração sexual feminina ou ainda à prostituição tradicional. Contudo, há uma produção e consumo de “produtos sexuais”. Há uma exploração exacerbada da sexualidade na propaganda, protagonizada pelo mercado. Com isso,



alimentam-se relações efêmeras e sem profundidade. Neste sentido, “a força provocante do sexo bidimensional perturba, mais do que ajuda, o processo de amadurecimento normal de homens e mulheres” (MOSER & LEERS, 1987: 245).

A história sempre demonstrou que a sexualidade humana manifestou luzes e sombras, mas a sociedade atual agravou negativamente tal quadro. Fez da atividade sexual passageira e irresponsável um reduto de liberdade e libertinagem. O imediatismo do prazer serve como fuga dos verdadeiros problemas sociais e desvia as energias dos marginalizados.

Toda verdadeira alegria está em deixar transparecer a alegria de Deus em amar a humanidade e dar-lhe coisas boas. O prazer, portanto, faz parte da formação e da integração humana, que busca a perfeição, configurando-se a Cristo. É neste processo de humanização que a satisfação (o prazer) encontra sua medida e equilíbrio. No caminho em busca da construção do Reino de Deus, encontramos alegrias – sinais da presença de Deus – e antecipações deste mesmo Reino na história. Esta alegria também é comunicada aos outros, não sendo o prazer egocêntrico, mas o que se espalha por todos os lugares por onde passamos.

Por outro lado, devemos saber que não há, aqui, monopólio absoluto do prazer, pois o prazer absoluto não tem sentido na vida do cristão. As adversidades, inevitavelmente, fazem parte da nossa vida, da nossa existência, da nossa convivialidade. Nosso mundo atual apresenta claramente, apesar das milhares de propostas de prazeres, a miséria e a infelicidade de milhões de pessoas. De que vale ter todos os prazeres do mundo e diminuir-nos em humanidade e humanização, agredindo a “imagem e semelhança de Deus”?

A maioria da população já se acostumou com a oscilação entre o tempo do prazer e o tempo do sofrimento. Mundo e existência têm caráter transitório. Isto contribui para relativizar a função dos prazeres, alegrias e felicidades que acontecem na vida, relacionando-os com o Reino, presente nesta realidade, mas não em sua plenitude. Tal dinâmica contribui para a edificação de uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária.



4 Considerações Ético-Religiosas: os ídolos exigem vítimas e sangue dos inocentes

É na América Latina que se retoma e privilegia a categoria “ídolos e idolatria”. Com isto, pretende-se aprofundar e pôr em destaque as contribuições da teologia latino-americana. Mais especificamente, no campo da teologia moral.

Primeiramente, é preciso lembrar que “o agir cristão não é um agir legalista, que se satisfaz pela obediência a uma norma ou a uma lei exterior, e que define a salvação pela simples observância a estas leis” (PEGORARO, 1992: 21). A salvação é dom de Deus e, por isso, quem a acolhe a expressa como gratidão em sua vida e em seu comportamento. Existe, portanto, uma atitude fundamental que direciona e dá unidade ao agir. Assim, “a relação última na constituição da bondade e da maldade moral não se acaba na lei ou norma moral, mas na *dimensão teologal* ou *idolátrica* do agir. É exatamente esta realidade que permite desenvolver a moral humana como teologia moral” (PEGORARO, 1992: 21). No processo histórico da humanidade, este agir teologal confronta-se com o agir idolátrico. “Não é possível alguém ‘ser bom’ sem se ‘tornar bom’ pela prática teologal, que toma posição frente ao agir idolátrico” (PEGORARO, 1992: 21). Jesus demonstra claramente a relação antagônica entre ambos.

Mas o projeto idolátrico traz em si a violência como sua realidade mais íntima e profunda. Puebla fala, nos números 405, 497 e 500, dos ídolos presentes na realidade latino-americana. Todo o processo vivenciado na América Latina traz um processo inerente de marginalização, de expoliação e destituição humana. Ao colocar sua esperança na força da tecnologia, coloca a obra do homem acima de seu Criador, deixando-se dirigir e ser escravizado por ela. É o que acontece com uma sociedade que se deixa dirigir pelo mercado, pela força, pelo prazer... Desta forma, exigem-se sacrifícios do povo, seu sangue e seu sofrimento.

Na América Latina, o confronto religioso mais importante não se dá em relação aos que professam o ateísmo. O confronto se dá, sim, com aqueles que dizem ter fé em Deus, mas têm uma prática violenta e de morte. Portanto, propõe-se a seguinte questão: qual seria o “deus” que o projeto idolátrico supõe? Fica explícito, então, que para a América Latina o grande desafio é a idolatria que gera a violência, milhões de vítimas humanas e muito sangue derramado. Pior ainda, quando tal prática vem



justificada em nome de uma religião, em nome de Deus e possui seus sacerdotes, seu culto, seus templos, sua mística, seus pecados... Assim como os profetas, Jesus foi eliminado pelos representantes do sistema religioso de seu tempo, idolátrico. Ocorre aí uma luta entre os deuses. Por isso, não basta dizer que se crê em Deus, mas é preciso afirmar, convicta e concretamente, que se crê no Deus da Vida. E o critério fundamental para isso, é que o nosso Deus é um *Deus que liberta o oprimido e que se revela no outro excluído como possibilidade de vida e como esperança de nova criatura*. Deuses que exigem a morte de muitos, para que poucos possam viver, são falsos. Todo *projeto histórico violento* é, portanto, *idolátrico*.

Não é apenas do nome de Deus² que o projeto idolátrico se apropria. Para se legitimar, tais projetos históricos violentos e, por conseguinte, idolátricos, precisam de ídolos, templos, sacerdotes, cultos, mística, dogmas..., enfim, precisam-se construir como um sistema religioso completo e coerente. Não é apenas o lugar do Deus vivo que o ídolo e quem o constrói tomam. Também o fazem com os títulos de Deus. Assim, o ídolo se torna intocável e definitivo, determinando as leis de morte e de vida. Tudo tem sentido a partir dele, porém de maneira invertida, pois inverte as relações. Não oferece salvação e é portador da morte.

Apesar de o ídolo não possuir vida em si próprio e não ter condições de dar vida – apenas gerar a morte –, não significa que não tenha poder. O poder do ídolo provém das pessoas que o geraram em defesa de seus interesses e privilégios. Isto significa que é o poder da dominação e o poder do convencimento através da força das armas e da repressão, poder este provindo da violência. É por isso que a morte e o sacrifício humano são intimamente relacionados ao ídolo. Basta perceber como, na realidade da América Latina e dos países não-desenvolvidos, são geradas milhões de vítimas: da fome, da miséria, da guerra. Mas Deus nos vem da marginalidade, e o modo mais profundo e escandaloso de afirmar a identidade de nosso Deus é a imagem do *servo sofredor*. O Deus de Jesus se identifica no gesto de dar a vida pelo seu povo. Ao contrário, o ídolo, precisa da morte e do sangue de suas vítimas para sobreviver e se alimentar.

“A idolatria cria uma falsa imagem de Deus e um falso culto, cria seus templos e sacerdotes, cria também uma falsa moral. Uma moral em

² Neste sentido, na revelação bíblica existe uma iconoclastia dos ídolos que tomam o lugar de Deus e são geradores de morte.



coerência com os ídolos que criou” (PEGORARO, 1992: 21). O processo de dominação e de sujeição é completo quando as pessoas assumem efetivamente o projeto idolátrico. Podemos todos perceber, então, como a moral idolátrica se confronta com a ética do Reino e como os meios de comunicação nos apresentam os novos templos desta moralidade.

A sociedade baseada na lógica da exclusão gera e é alimentada pela insensibilidade. Exemplo disso é como se percebe e se sente hoje frente aos assassinatos por grupos de extermínio, fome em várias regiões do país, guerras de diversos tipos... Tudo isso já não afeta a maioria da população. A fatalidade já tomou conta de nossa sociedade. Não só é inevitável, mas também justo que os ‘vitoriosos’ tenham seu merecimento e, aqueles que não o conseguiram, estejam ‘recebendo o que merecem’. Acrescenta-se como benéfica a desigualdade, pois ela é motora do progresso, incentivando a competição. Além disso, a crise social é sempre vista como passageira. O conjunto dessas práticas neoliberais é entendido como uma mística cruel.

Diante deste mundo que vive a idolatria do mercado, a missão da Igreja deve ser a de lutar por uma sociedade onde caibam todas as pessoas. Luta política para a reforma do Estado e pelo fortalecimento da sociedade civil. É lutar pela capacitação dos trabalhadores e das trabalhadoras e buscar novos caminhos para as atividades econômicas. Este conjunto deve estar baseado numa espiritualidade solidária, negando os desejos das elites capitalistas e o mimetismo do consumo. Mas, sem esquecer que todos precisam ter qualidade de vida e dignidade. Não podemos esquecer que a solução passa também por um mundo globalizado, ou seja, não podemos buscar soluções isoladas. O seguimento de Jesus nos leva a assumir a sua prática e o seu discurso, na defesa da vida de todos os excluídos. (cf. MO SUNG, 1987)

5 À guisa de conclusão: anunciar o Deus da Vida e da Liberdade

Anunciar Deus, sim. Mas não anunciar um deus qualquer. É necessário anunciar o Deus da Vida e da Liberdade! Deus da Vida e da Liberdade, sim, mas não de uma forma genérica. Anunciar o Deus da Vida dos pobres, para que “todos tenham vida”. Deus da Vida dos pobres, sim, mas não “vida” e “pobre” abstratos: o Deus que desmascara e destrona a idolatria do capital e do mercado, os deuses do poder e da força bélica,



os deuses do prazer e da coisificação. Pois estes deuses têm uma lógica sacrificial, e propõem um modelo de sociedade injustamente restrito e seletivo.

O projeto teologal possui em seu bojo o amor, a fé e a esperança. Por isso se contrapõe ao projeto idolátrico, que possui em seu bojo a violência. É preciso desmascarar tal projeto idolátrico que se apresenta como camuflagem do projeto do Reino de Deus. Com isso, invertem-se todas as relações. É preciso, portanto, desmontar este fundamento falacioso pelo qual o poder do ídolo se mantém. Apesar de ser um poder falso, ele tem poder de dominar a história e sujeitar os homens e as mulheres aos seus caprichos e interesses. A prática idolátrica constrói uma *moral* própria, dura e exigente, que se confronta com a *ética* que promana da prática do Reino de Deus. Basta perceber como os novos templos destes ídolos (a televisão, o rádio e os outros meios de comunicação social) podem nos oferecer um quadro de referência abundante desta moralidade.

Bibliografia

BIGO, Pierre & ÁVILA, Fernando Bastos de. *Fé cristã e compromisso social: Elementos para uma reflexão sobre a América Latina à luz da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1982.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Puebla: Conclusões*. São Paulo: Loyola, 1979.

MO SUNG, Jung. *Teologia & Economia – Repensando a Teologia da Libertação e Utopias*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MONLOUBOU, L & DU BUIT, F. M. *Dicionário Bíblico Universal*. Aparecida – SP / Petrópolis – RJ: Santuário/Vozes, 1997.

MOSER, Antônio & LEERS, Bernardino. *Teologia Moral: Impasses e Alternativas*. (Tomo V, Série III: A Libertação na História) Petrópolis: Vozes, 1987.

PEGORARO, José. “A Ética Cristã em Confronto com a Moral Idolátrica”. In: Rev. VIDA PASTORAL. *Ídolos ou Deus da Vida*. São Paulo: Paulinas, Mai/Jun 1992, Ano XXXIII (164).

SCHLESINGER, Hugo & PORTO, Humberto. *Dicionário Enciclopédico das Religiões (Vol. I)*. Petrópolis: Vozes, 1995.



SICRE, J. L. *Profetismo em Israel – O profeta, os profetas, a mensagem.* Petrópolis: Vozes, 1996.

SILVA, Airton José da. *A Voz Necessária – Encontro com os Profetas do Séc. VIII a.C.* São Paulo: Paulus, 1998.

Endereço dos Autores:

ITESC – Cx. Postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC